

Primavera 1998

DOURO

ESTADOS & DOCUMENTOS

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

DIRECÇÃO:

Armando Pimentel (Presidente do Instituto do Vinho do Porto)

Alberto Amaral (Reitor da Universidade do Porto)

José Manuel Gaspar Torres Pereira (Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

COORDENADOR:

Gaspar Martins Pereira (Coordenador do Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto/FLUP)

CONSELHO DE REDACÇÃO:

António Barreto (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

António Vilela de Matos (Pró-Reitor da Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro/Documentação e Extensão)

Arlete Mendes Faia (Depart. de Indústrias Agro-alimentares/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Aurélio Araújo de Oliveira (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Alberto Brochado de Almeida (Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Carlos Melo Brito (Faculdade de Economia/Universidade do Porto)

Francisco Ferreira Monteiro (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar)

Conceição Andrade Martins (Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa)

Fernando Bianchi de Aguiar (Departamento de Fitotecnia e Eng. Rural/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Francisco Ribeiro da Silva (História Moderna/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

François Guichard (Universidade de Bordéus III/Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia)

Jean Lave (Social & Cultural Studies/Universidade da Califórnia - Berkeley)

João Rebelo (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

José Portela (Departamento de Economia e Sociologia/Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Luís Miguel Duarte (História Medieval/Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Norman R. Bennett (Departamento de História/Universidade de Boston)

Nuno Pizarro de Magalhães (Depart. de Fitotecnia e Eng. Rural/Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Vital Moreira (Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra)

SECRETARIADO:

Paula Montes Leal, Natália Fauvelle da Costa e Adelaide Gil

PROPRIEDADE:

Instituto do Vinho do Porto ■ Universidade do Porto ■ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

EDIÇÃO:

GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto ■ Apartado 55038 ■ 4150 PORTO Codex – PORTUGAL

Telefone e fax.: (02) 6077156 ■ E-mail: gehvid@letras.up.pt

Fotografia da capa: «Encaixotamento do vinho do Porto». Foto Alvão, ca. 1940. Arquivo do Instituto do Vinho do Porto.

Composição: Edições Afrontamento

Impressão e Acabamento: Rainho & Neves, Lda.

Assinatura anual (2 números):

Instituições: 4000\$00; **Individuais:** 3500\$00

Preço deste número: 3000\$00

Tiragem: 1200 exemplares

Depósito Legal: 98629/96

ISSN: 0873-3899

© Direitos reservados, de acordo com a legislação em vigor.

Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Por lapso, no número anterior, não foi mencionado o nome do tradutor do texto «O vinho do Porto na diplomacia anglo-portuguesa durante o século XIX», de Norman R. Bennett. Apresentamos, assim, as nossas desculpas ao Dr. José Álvaro Monteiro da Costa que fez a referida tradução.

SUMÁRIO

Editorial 7

Estudos

- Elementos para o estudo da ocupação romana no Alto Douro:
bacia hidrográfica dos rios Varosa e Balsemão 11
Ricardo Teixeira

- As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto
e da dinastia Júlio-Cláudia (31 a. C. – 68 d. C.) 29
Julio Rodríguez González

- «Por ser de sua lavra e cutelo»: questões entre o Porto e o mosteiro de Ancede
relativas à venda de vinhos na Idade Média 49
Amândio Jorge Morais Barros

- O vinho e o estatuto de vizinhança de alguns abades do bispado do Porto,
ou de como do facto económico se passa à história política 89
Margarida Garcez Ventura

- A alfândega de Freixo de Espada-à-Cinta em 1517 95
Paula Maria de C. Pinto Costa ■ Júlia Isabel C. Campos Alves de Castro

- O motim de Murça de 1587 109
Aurélio de Oliveira

- O Douro: estrada fluvial nos alvares do século XVIII 117
António M. de Barros Cardoso

- Comércio e comerciantes britânicos no Porto na primeira metade do século XIX 133
Jorge Martins Ribeiro

Documentos

- Instruções para a cultura das vinhas e para o fabrico do vinho nas quintas
de João Paçeco Pereira, antes da instituição da Companhia 161
Gaspar Martins Pereira ■ Natália Fauvelle da Costa

Outros vinhos

- O comércio dos vinhos Málaga no século XX: antes e depois da criação
do Conselho Regulador da Denominação de Origem 179
Elena Ruiz Romero de la Cruz

Relatórios e notas de pesquisa

- Os vestígios alto-medievais de Muimentos (Fonte Longa – Meda) 201
Carlos A. Brochado de Almeida ■ Luís Jorge S. Guedes da Silva

- Povoamento e morte na paisagem de Areola (Meda): subsídios para uma diacronia da ocupação 211
Pedro Baère de Faria ■ João Viana Antunes

- Aspectos da História Antiga de Longroiva 220
João Viana Antunes ■ Pedro Baère de Faria ■ Pedro Brochado de Almeida

- Ranhados (Meda): a diversidade das permanências humanas evidenciada
pela prospecção arqueológica 225
João Viana Antunes ■ Pedro Brochado de Almeida

- Casteição, núcleo sepulcral de «Mosteiros» 230
Pedro Baère de Faria ■ Cláudio Laranjeira Brochado

- Subsídios histórico-arqueológicos para um inventário da freguesia de Pai Penela (Meda) 238
Maria José Ferreira dos Santos ■ Sandra Raquel Rodrigues

Notícias 252

Agenda 264

Carlos A. Brochado de Almeida *

Luís Jorge S. Guedes da Silva **

Os vestígios alto-medievais de Muimentos (Fonte Longa – Meda)

O Alto de Muimentos está situado a Oeste da Quinta do Cônsul, actualmente o ponto de referência habitacional mais próximo que dele está. O sítio em questão é um amplo cabeço arredondado, coroado por algumas massas xistosas, as que sobraram das recentes lavragens que permitiram o plantio de um vasto eucaliptal. Respeitado foi o morro onde se encontram as sepulturas e o que resta de uma ocupação que usou *tegulae* como cobertura.

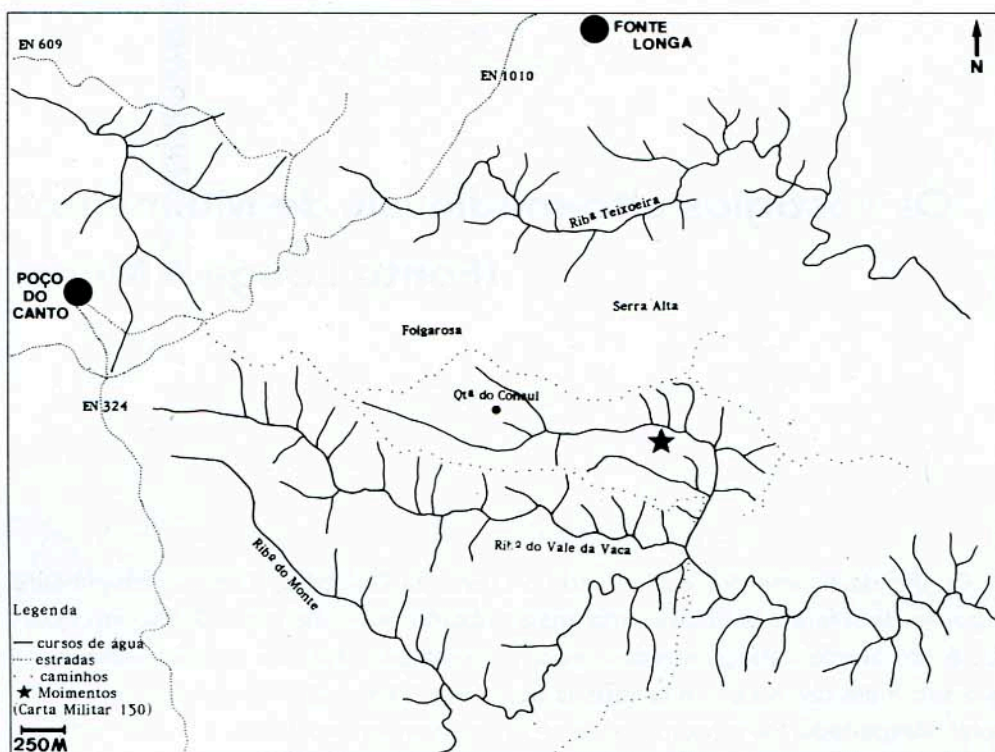
Apesar da coroa ter sido respeitada, não é fácil localizar os afloramentos de xisto onde se encontram 20 sepulturas cavadas no xisto. Provavelmente mais existirão – para Sá Coixão são 22¹ – mas a densa mancha de giestas que cobre o local, não facilitou a pesquisa, dificultou-a mesmo, porque a altura e a densidade não permitiam uma circulação e uma observação atenta.

A Poente das sepulturas, a menos de uma centena de metros, encontram-se antigos terrenos solcalcados que estão voltados para o vale onde confluem o Ribeiro do Monte e do Vale da Vaca, ambos com percursos a envolverem uma razoável parcela da colina que ostenta a digna altitude de 515 m (ver Mapa da página seguinte). Parte destes terrenos estão abandonados, mas outros estão ocupados com olivais e mesmo amendoeiras, como é o caso de uma pequena parcela onde, no solo remexido, se encontram restos de *dolia*, cerâmica comum romana tardia ou mesmo já da Alta Idade Média e bastante *tegulae*. A estes vestígios, há que juntar ainda uma lagareta circular cavada num bloco granítico, da qual desconhecemos o contexto em que foi encontrada, bem como a relação que

■ FLUP. Coodenador da equipa de Arqueologia e História Antiga do GEHVID.

■ Aluno da licenciatura em História da FLUP.

■ COIXÃO, António do Nascimento Sá – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa, 1996, p. 224-227.



eventualmente possa ter com os vestígios cerâmicos e com as sepulturas cavadas no xisto². São, aliás, esses alguns dos motivos porque temos sérias dificuldades em dar-lhe um enquadramento cronológico.

As sepulturas ocupam a parte central desta colina e, segundo a orientação dos afloramentos, a sua distribuição faz-se de acordo com os rochas disponíveis (Foto 1 e 2). Será essa uma das razões porque se orientam no sentido Nascente-Poente, mas não a disposição das cabeceiras, que estão todas a Poente, possivelmente por imposição canónica. Pode-se dar o caso da orientação ter sido motivada pela própria orientação dos afloramentos xistosos que não facilitavam um outro tipo de corte. Seria tecnicamente impossível cortar e cavar as sepulturas com uma orientação diferente. Tal não permitiam os espaços aproveitáveis nas massas xistosas.

Poucas mostram o encaixe destinado a apoiar a cabeça do defunto (Foto 3). Na generalidade são sepulturas simples, de contornos arredondados e um formato que se pode apelidar de sub-retangular (Foto 4).

Apesar de ocuparem as rochas mais favoráveis e propícias à instalação das

² BOLÒS, J; PAGÈS, M. – *Les sepultures excavades a la roca*. In «Necrópolis i sepultures Medievales de Catalunya. Actas/Medievalies». Barcelona, 1982. ANNEX I, p. 59-103.

BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho (séc. X a XV)*. FLUP, 1987, p. 128-129. Policopiado.



Foto 1 – Poço do Canto (Muimentos).



Foto 2 – Poço do Canto (Muimentos).



Foto 3 – Poço do Canto (Muimentos).



Foto 4 – Poço do Canto (Muimentos).

sepulturas, estas, embora se agrupem em núcleos restritos, escalonam-se o mais rectilineamente possível. Raras são, por exemplo, as que se encontram isoladas.

Com seis sepulturas mais ou menos agrupadas, isto é, dispostas lado a lado, só há um conjunto, sendo uma delas de criança. Com 4 sepulturas cada, há 2 grupos, um dos quais também possui uma de criança. As restantes aparecem isoladas, sendo uma delas de recém-nascido.

Um tal número de sepulturas, mais a sua disposição canónica, pode indiciar a presença de um pequeno templo. Deste, se é que alguma vez existiu, nada sabemos. Tão pouco a tradição oral o regista.

A sepultura nº 1 tem um formato sub-rectangular e rebordo ainda bem conser-

Fig. 1

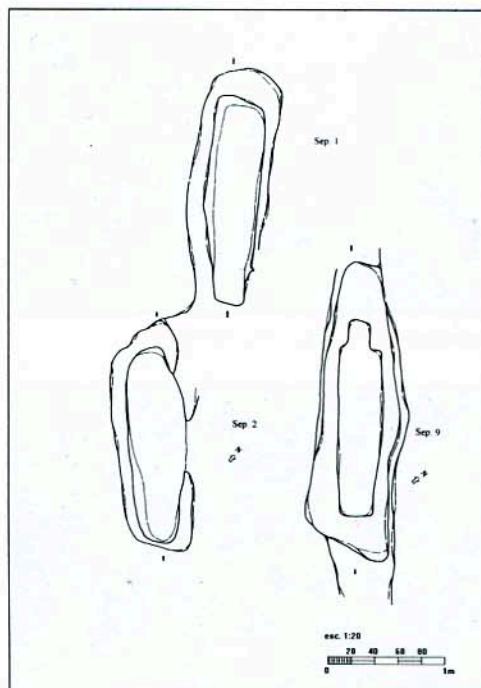
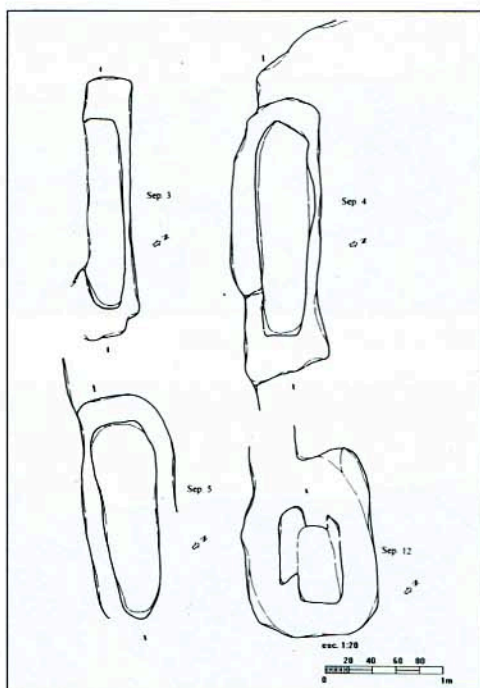


Fig. 2



vado à cabeceira e do lado direito. Foi, tal como as outras, cavada com o auxílio de um pico grosso. O afloramento esquerdo, junto aos pés, já se encontra ligeiramente danificado. As suas medidas são as seguintes (Fig. 1 e 3):

- Comprimento: 1,78 m
- Largura dos ombros: 0,42 m
- Largura dos pés: 0,40 m
- Profundidade média: 0,33 m

No enfiamento da anterior, encontra-se a sepultura n.º 2, só que ligeiramente descaída para Nascente. Neste conjunto é aquela que se orienta da melhor maneira, ou seja de Poente para Nascente. Tem forma antropomórfica e a cabeceira arredondada. A parede lateral direita está já bastante danificada (Fig. 1 e 3). Como medidas tem:

- Comprimento: 1,70 m
- Largura dos ombros: 0,41 m
- Largura dos pés: 0,30 m
- Profundidade média: 0,40 m

Tal como a anterior, a sepultura n.º 3 está no enfiamento da n.º 1. Tem um formato sub-retangular, com a particularidade de lhe faltar já a quase totalidade da parede esquerda (Fig. 2 e 3). As suas medidas são:

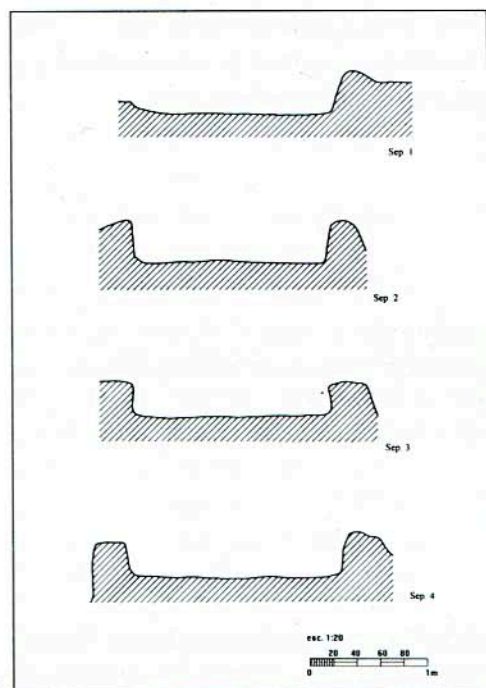


Fig. 3

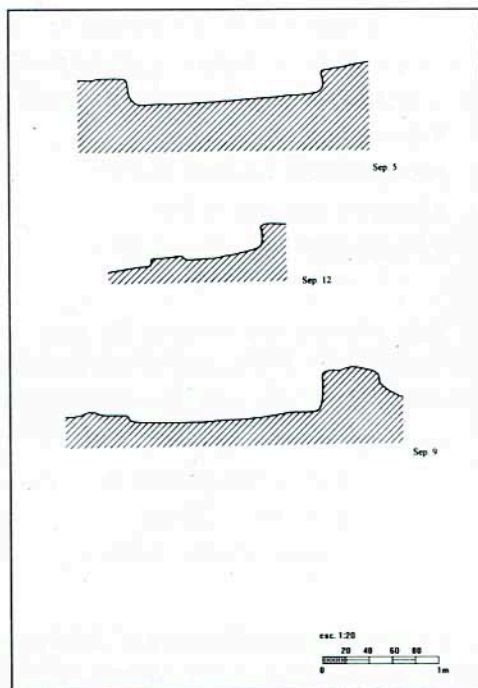


Fig. 4

- Comprimento: 1,74 m
- Largura dos pés: 0,34 m
- Profundidade média: 0,34 m

A sepultura nº 4 está distanciada da nº 3, para Nascente, cerca de 7 m. Paralela com ela, mas para Norte, está uma sepultura de criança. O seu recorte evidencia uma silhueta sub-retangular, com os ombros exteriormente bem definidos. O seu estado de conservação pode ser descrito como bom (Fig. 2 e 3). As suas medidas são:

- Comprimento: 1,90 m
- Largura dos ombros: 0,40 m
- Largura dos pés: 0,32 m
- Profundidade média: 0,40 m

A cerca de 2 m da sepultura nº 2, está a nº 5, onde é evidente o recorte sub-trapezoidal. A cabeceira é arredondada (Fig. 2 e 4). Como medidas tem:

- Comprimento: 1,70 m
- Largura dos ombros: 0,43 m
- Largura dos pés: 0,27 m
- Profundidade média: 0,38 m

Não muito distante da sepultura nº 4, é-nos dado a observar uma sepultura de criança, à qual foi dada o nº 6. Nos dias que correm já não é possível observá-la sem reparar na falta de pedra que definia os pés. As suas medidas são:

- Comprimento: 0,57 m
- Largura dos ombros: 0,23 m
- Largura dos pés: 0,25 m
- Profundidade média: 0,18 m

Sob a forma sub-rectangular está, a Nascente do túmulo nº 4, uma sepultura de adulto, a nº 7. Para local de jazida foi escolhido uma mole xistosa, isolada das restantes. As suas medidas são as seguintes:

- Comprimento: 1,73 m
- Largura de ombros: 0,35 m
- Largura de pés: 0,28 m
- Profundidade média: 0,30 m

De todas as sepulturas, a nº 8 pode ser descrita com a mais meridional. Encontra-se isolada de todas as outras, inserida um afloramento xistoso sobranceiro ao actual caminho. Tipologicamente pode ser definida como pertencente ao grupo das sub-rectangulares. As suas medidas são:

- Comprimento: 1,88 m
- Largura dos ombros: 0,48 m
- Largura dos pés: 0,46 m

A sepultura nº 9 apresenta uma configuração antropomórfica, onde se delineou, embora que muito levemente, um encaixe para a cabeça (Fig. 1 e 4). As suas medidas são:

- Comprimento: 1,66 m
- Largura dos ombros: 0,36 m
- Largura dos pés: 0,30 m
- Profundidade média: 0,32 m

A sepultura nº 10 encontra-se num estado avançado de destruição, especificamente ao nível da cabeceira e dos pés. O desenho interno da caixa da cabeceira apresenta uma linha arredondada. Tem como medidas:

- Comprimento: 1,70 m
- Largura dos ombros: 0,40 m
- Largura dos pés: 0,38 m
- Profundidade média: 0,34 m

No enfiamento da sepultura nº 10 e aproximadamente a um metro de distância, podemos encontrar, escavada numa mole xistosa, a sepultura nº 11. Com um formato próximo do rectangular, esta sepultura apresenta os ângulos internos arredondados. As medidas são:

- Comprimento: 1,70 m
- Largura dos ombros: 0,50 m
- Largura dos pés: 0,40 m
- Profundidade média: 0,27 m

A sepultura nº 12, foi talhada para albergar uma criança. Possui uma caixa sub-rectangular, ângulos arredondados, onde já se notam alguns danos, mais concretamente na parede dos pés (Fig. 2 e 4). Como medidas tem:

- Comprimento: 0,60 m
- Largura dos ombros: 0,27 m
- Largura dos pés: 0,38 m
- Profundidade média: 0,34 m

Localizada junto à sepultura nº 11 e entre esta e a nº 12, encontra-se a nº 13. O seu estado de conservação, no geral, é bom, se exceptuarmos a parede dos pés, hoje semi-destruída. Tipologicamente pode ser descrita com antropomórfica, dispondo de uma cavidade com apoios para a cabeça. As suas medidas são:

- Comprimento: 1,65 m
- Largura dos ombros: 0,33 m
- Largura dos pés: 0,28 m
- Profundidade média: 0,35 m

Tal como a anterior, a sepultura nº 14 tem forma antropomórfica com apoios para a cabeça. O seu estado de conservação é, apesar de tudo, satisfatório. Tem as seguintes medidas:

- Comprimento: 1,62 m
- Largura dos ombros: 0,35 m
- Largura dos pés: 0,25 m
- Profundidade média: 0,25 m

Junto à anterior, a cerca de 0,30 m, está a sepultura nº 15. A sua configuração antropomórfica foi inserida numa caixa sub-rectangular de ângulos arredondados que já evidencia alguns vestígios de destruição. As suas medidas são:

- Comprimento: 1,63 m
- Largura dos ombros: 0,41 m
- Largura dos pés: 0,28 m
- Profundidade média: 0,40 m

A terceira sepultura de criança, a nº 16, localiza-se no enfiamento da sepultura nº 14, distando desta aproximadamente 1 m. Apesar da sua cabeceira estar destruída, ainda é possível perceber a sua caixa sub-rectangular com ângulos arredondados. Tem como medidas:

- Comprimento: 0,96 m
- Largura dos ombros: 0,27 m
- Largura dos pés: 0,18 m
- Profundidade média: 0,21 m

Junto à anterior encontra-se a sepultura nº 17, que dela não dista mais do que 0,75 m. Tal como as demais, a caixa possui a forma sub-rectangular e ângulos internos arredondados. As medidas são:

- Comprimento: 1,80 m
- Largura de ombros: 0,45 m
- Largura de pés: 0,37 m
- Profundidade média: 0,33 m

Paralela à nº 17 pode ser observada, a cerca de 2 m, a sepultura nº 18. É a mais destruída e a menos profunda de todas. A erosão acabou por diluir os traços sub-rectangulares da caixa, deixando perceber, no entanto, os seus ângulos internos arredondados. Os danos visíveis são mais perceptíveis ao nível da cabeceira e dos pés. Como medidas tem:

- Comprimento: 1,75 m
- Largura de ombros: 0,40 m
- Largura de pés: 0,34 m
- Profundidade média: 0,16 m

Muito próxima da sepultura nº 18 e no mesmo afloramento xistoso pode ser observado o túmulo nº 19. Os danos na parede lateral esquerda, quase totalmente desaparecida, não chega para disfarçar a sua tipologia. Assim, a sepultura não esconde a sua configuração sub-rectangular de ângulos internos arredondados. As medidas são:

- Comprimento: 1,72 m
- Largura de ombros: 0,40 m
- Largura de pés: 0,34 m
- Profundidade média: 0,16 m

A sepultura nº 20 tem uma forma sub-elíptica ou próxima da antropomórfica de ângulos internos arredondados. O seu estado de conservação é precário, uma vez que a parede esquerda está em sérios riscos de desagregação. Como medidas tem:

- Comprimento: 1,62 m
- Largura de ombros: 0,36 m
- Largura de pés: 0,25 m
- Profundidade média: 0,30 m

Neste espaço, actualmente distante de qualquer núcleo habitacional, coexistem vestígios de uma ocupação agrária e um conjunto de tumulações cuja cronologia ronda normalmente a parte final da Alta Idade Média. Os vestígios que se encontram na parte mais oriental da colina mostram claramente que estamos perante o que resta de um *habitat* agrário, de dimensões que, de momento, não conseguimos precisar. Tão pouco, sem uma intervenção arqueológica, nos é possível estabelecer uma relação directa entre todos os vestígios, sobretudo entre os inequívocos sinais de uma habitação e a necrópole. À partida tudo parece indicar que, entre ambos, não há uma afinidade cronológica a não ser que a *tegula* tenha, nesta latitude, cronologias coincidentes com as datações que Mário Barroca atribui, de uma forma genérica, a este tipo de enterramentos³. Depois se atentarmos no número de sepulturas, este parece-nos excessivo para a área de dispersão dos vestígios cerâmicos. O que vimos, ou melhor, o que nos foi possível observar, diz-nos que a ocupação desta parte da colina se reduziria, no máximo, a um ou dois casais interessados na exploração agro-pastoril destas colinas, entre as quais se encaixam, consoante os casos, vales apertados de vertentes abruptas e mais suavizados e abertos. Por outras palavras, um número excessivo de enterramentos para tão diminuta ocupação. Não excluimos, no entanto, a hipótese de os inumados das sepulturas cavadas no xisto, serem efectivamente os ocupantes das vizinhas estruturas habitacionais e assim a área de enterramento se ter dilatado no tempo. Tal hipótese a ter consistência, faria «subir» a cronologia do fabrico e da utilização da *tegula* em edifícios domésticos o que, convenhamos, nem é difícil de aceitar. Bastaria recordar o caso dos enterramentos cavados na rocha da Quinta do Rebolal, concelho de Armamar⁴ e da vizinha Quinta do Paço – freguesia de Outeiro de Gatos – onde também há *tegulae*, presumivelmente associadas a este tipo de enterramentos, para que a ideia comece a ganhar forma. Não excluimos, como é evidente, outras hipóteses, só que a sua defesa, com os poucos elementos de que dispomos, resulta extremamente difícil.

Casal isolado ou *habitat* mais avantajado, restam-nos as motivações de índole económicas que conduziram a um tal assentamento.

³ BARROCA, Mário Jorge – *Necrópoles e Sepulturas de Entre Douro e Minho...*, p. 128-129.

⁴ ANTUNES, João Viana; FÁRIA, Pedro Baêre – *Aspectos diacrónicos de um espaço entre Goujoim e S. Martinho das Chãs (Armamar)*. «DOURO – Estudos & Documentos». Porto: GEHVID. Vol. 4 (1997), p. 25-33.

Eliminando qualquer interesse agrícola na própria colina ou mesmo na orla mais próxima, restam-nos os vales e sobretudo as encostas onde é possível estabelecer plantações de vinha e de oliveiras. Estas, presentemente, ocupam largas parcelas das encostas mais próximas, onde os solos provêm da fragmentação do xisto. Hortas, cereais e linho podiam ser cultivados nos terrenos próximos das linhas de água, qualquer uma delas a menos de 30 minutos de caminho. Carvalhos, sobreiros e castanheiros cresceriam com naturalidade nas encostas mais húmidas e abrigadas. A pastorícia podia ser praticada, à imagem daquilo que ainda é possível observar na actualidade, nos muitos terrenos cujo aproveitamento agrícola se mostra inconsequente. A presença da lagareta e dos *dolia* significa não só que a vinha era cultivada como é bem provável que haja uma estreita relação entre ambos. A lagareta espremia o bagaço após a pisa das uvas e o vinho era, nos *dolia*, armazenado.

O mais provável é este cenário se passar entre o reinado visigótico e o início do actual milénio.